

# A VIVÊNCIA DO EXÍLIO EM FERREIRA GULLAR E MIGUEL TORGA: UM OLHAR SOBRE A PAISAGEM DA MEMÓRIA

Márcia Manir Miguel Feitosa  
Universidade Federal do Maranhão

## RESUMO:

Este artigo propõe uma análise comparativa do “Poema sujo”, de Ferreira Gullar, e do romance *O senhor Ventura*, de Miguel Torga, à luz da Geografia Humanista de Yi-Fu Tuan e das reflexões de Edward Said sobre o exílio, condição sobre a qual se edificam os dois textos.

## PALAVRAS-CHAVE:

Ferreira Gullar, Miguel Torga, Exílio.

## ABSTRACT:

This paper proposes a comparative analysis of “Poema sujo”, by Ferreira Gullar, and the novel *O senhor Ventura*, by Miguel Torga, using Yi-Fu Tuan’s Humanistic Geography and Edward Said’s thoughts on exile, condition on which both texts are built.

## KEYWORDS:

Ferreira Gullar, Miguel Torga, Exile.

Nascido em São Luís do Maranhão em 10 de setembro de 1930, José Ribamar Ferreira, o nosso Ferreira Gullar, é poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta. Participou do movimento concretista, juntamente com os irmãos Campos, e fundou o neoconcretismo, ao lado de Lygia Clark e Hélio Oiticica. Em função de sua grande atividade política, foi preso, juntamente com Paulo Francis, Caetano Veloso e Gilberto Gil, em 1968, tendo se exilado em 1971 para a Europa e países da América do Sul, como a Argentina, lugar onde escreveu, dentre outros textos, o “Poema sujo”.

Publicou 16 livros de poesia inédita, tendo sido laureado em 2010 com o Prêmio Camões. É considerado um dos maiores poetas vivos da língua portuguesa. “Poema sujo”, publicado em 1975, introduz o leitor em uma São Luís de fins da década de 40 do século XX, em que prevalece o fluxo da memória, a começar pela infância do eu-lírico, revisitada no tempo e no espaço, seguida do momento da partida, com o consequente

sentimento de saudade, até culminar no terceiro e último momento do poema, que compreende o canto dessa voz poética afastada de sua terra natal. Tanto para Otto Maria Carpeaux, quanto para Vinícius de Moraes, “Poema sujo” é um dos mais importantes poemas da história da literatura brasileira, encarnando com sinceridade, em versos “sujos”, as vitórias e as derrotas do homem brasileiro.

Exilado em Buenos Aires desde o começo da década de 60 do século XX, em decorrência da situação política que se instalara no Brasil nesse período, Gullar se vê desiludido também na Argentina, sem esperanças de sobreviver em solo sob regime militar. “Poema sujo” procura traduzir, portanto, as experiências do poeta relativas às suas mais profundas reminiscências de São Luís, tendo o exílio como paisagem de fundo.

Do ponto de vista estético, dialogam nesse longo poema tanto o verso tradicional e a poesia popular, quanto o poema em prosa, enovelados em recursos estilísticos únicos, como a sucessividade imagética, com seu ritmo vertiginoso, e a exploração visual, com a configuração dos versos na página em branco. Tudo em nome do rememorar o já vivido intensamente.

“Já de algum tempo”, responde Gullar a uma entrevista concedida ao geógrafo Samarone Carvalho Marinho,

antes do *Poema sujo*, e que nele se concretizou, vinha pensando na necessidade de retomar, de escrever alguma coisa sobre a minha vida em si... Tenho, aí, a impressão que se juntaram as duas coisas: a necessidade de dizer tudo enquanto houvesse tempo e a necessidade de retomar o vivido. Entretanto, na hora de fazer, o que quero dizer é o que está dito. O poema é a própria decifração de si (GULLAR apud MARINHO, 2006).

Em nome da experiência, a poesia de Ferreira Gullar trilha caminhos únicos, apreendidos a partir da própria vivência. Em *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência, o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan reforça esse modo de conceber o aprendizado, visto que “experienciar significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (TUAN, 1983, p. 10). Assim, em uma Buenos Aires da década de 60 do século XX, o poeta rememora o passado vivido na década de 40, em outro país, em outra cidade diametralmente oposta. Para além do sentimento de pertencimento telúrico de lugar, o eu-lírico experiencia a vivência do exílio, situado num espaço estranho, destituído de acolhimento inerente à condição de lugar. Ao ter experimentado o desconhecido e o incerto, suscita, por meio do discurso memorialista, a fonte segura, porto onde ancorou na infância ainda que pobre e carregada de sujo sofrimento.

Em uma das passagens do longo poema, o poeta resvala por esse sentimento de topofilia que constitui, segundo Tuan (1980, p. 5), o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”, ao mesmo tempo em que reconhece a pequenez da cidade onde nasceu.

Ríamos, é certo,  
em torno da mesa de aniversário coberta de pastilhas  
de hortelã enroladas em papel de seda colorido,  
ríamos, sim,  
mas  
era como se nenhum afeto valesse  
como se não tivesse sentido rir  
numa cidade tão pequena.

O homem está na cidade  
como uma coisa está em outra  
e a cidade está no homem  
que está em outra cidade

mas variados são os modos  
como uma coisa  
está em outra coisa:  
o homem, por exemplo, não está na cidade  
como uma árvore está

em qualquer outra  
nem como uma árvore  
está em qualquer uma de suas folhas  
(mesmo rolando longe dela)  
O homem não está na cidade  
como uma árvore está num livro  
quando um vento ali a folheia

a cidade está no homem  
mas não da mesma maneira  
que um pássaro está numa árvore  
não da mesma maneira que um pássaro  
(a imagem dele)  
está/va na água  
e nem da mesma maneira  
que o susto do pássaro  
está no pássaro que eu escrevo

a cidade está no homem  
quase como a árvore voa  
no pássaro que a deixa  
cada coisa está em outra  
de sua própria maneira  
e de maneira distinta  
de como está em si mesma

a cidade não está no homem  
do mesmo modo que em suas

quitandas praças e ruas (GULLAR, 2004, p. 147-149)

O amor ao solo natal ou a busca por novos ambientes caracteriza uma “relação concreta que liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino”, como explica Eric Dardel em sua famosa obra *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*, publicada pela primeira vez em 1952. Essa *geograficidade*, expressa em *Poema sujo*, constitui a própria essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo, na medida em que São Luís se configura, para o eu-lírico, apelo ou confiança, *locus* da cumplicidade.

“A realidade geográfica”, ainda evocando Dardel,

exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica. O afastamento, o exílio, a invasão tiram o ambiente do esquecimento e o fazem aparecer sob a forma de privação, de sofrimento e de ternura. A nostalgia faz o país aparecer como ausência, sobre o pano de fundo da expatriação, de uma discordância profunda. Conflito entre o geográfico como interioridade, como passado, e do geográfico totalmente externalizado, como presente (DARDEL, 2011, p. 34).

Na esteira de “Poema sujo”, Miguel Torga cria, em *O senhor Ventura*, um personagem destinado ao exílio, por meio de uma narrativa relativamente curta em que se verifica “uma fratura incurável” (SAID, 2003, p. 46).

Tendo publicado *O senhor Ventura* pela primeira vez em 1943, Torga resolve rerepresentar o livro em 1985, desculpando-se no prefácio por estar tentando recuperá-lo, esvaziando-o “de toda a fantasia descabelada e toda a canhestrez expressiva que se tem impunemente na juventude” (TORGA, 2006, p. 19), transferindo para o leitor a responsabilidade pelo seu julgamento. A Profa. Ofélia Paiva Monteiro arriscou algumas linhas sobre a narrativa apressada, chegando à conclusão de que, “ajudada pelo andamento terminal da acção e pelo discurso do narrador” (MONTEIRO, 2010, p. 39), foi possível perceber o desenho da trajetória de desgraça e vitalidade que circunda o senhor Ventura e que se estende para distâncias inimagináveis, onde a valentia fala mais alto do que a ética, onde ferve o sangue ibérico, onde se respira o espírito andarilho.

Dividida em três partes, a narrativa “apressada”, sob o comando de um narrador em primeira pessoa, estranho ao estilo conhecido de Torga, se constrói com o nascimento do senhor Ventura, sua atividade de guardador de gado em Penedono, a partida para Lisboa, já com 20 anos, sua nova função no quartel como soldado raso até a ida para a China, para servir em Macau. Na segunda parte, já desertor das forças militares, senhor Ventura conhece Pereira, também um desertor e português, só que do Minho, com quem inicia uma série de contravenções até culminar com a morte do

amigo. Conhece, em Pequim, Tatiana, com quem tem Sérgio, e com eles constitui um lar. No entanto, um novo envolvimento com o comércio de drogas provoca-lhe a expulsão do país e a conseqüente repatriação. A terceira e última parte, portanto, corresponde ao retorno do senhor Ventura a Portugal e a Penedono, seu berço alentejano. Sem Tatiana e o filho, vive com o coração na China até que Sérgio desembarca em Portugal, desamparado também financeiramente. Movido por um misto de vingança e ódio, visto que Tatiana desperdiçara toda sua fortuna, parte novamente para China e lá morre, deixando Sérgio em Penedono a seguir os seus passos de pastor de ovelhas.

As aventuras que marcam a vida de nosso anti-herói são fundadas, assim, na experiência do exílio, na medida em que o senhor Ventura se vê compelido a buscar outras terras para além das “searas espessas de trigo a ondular, sobreirais pardos de tristeza e pousios de esteva florida, babada de mel e mormaço” (TORGA, 2006, p. 25). Seu comportamento inquieto e nômade “sentia pressa de partir”.

Penedono, a terra natal, e todo o seu entorno compõem o cenário que imprime na alma do senhor Ventura “uma funda nostalgia”, acentuada, sobretudo, no momento da partida para Lisboa, demasiadamente fria ainda que deslumbrante. Uma primeira fratura, pois, entre o sujeito e a sua origem se verifica nesse momento, mas não uma fratura incurável, utilizando uma expressão cunhada por Edward Said. Antes um rompimento necessário.

O espaço real de liberdade o senhor Ventura irá sentir em Macau, sobretudo durante a travessia pelo mar. “Símbolo comum de liberdade no mundo ocidental”, segundo Tuan, o espaço, por se caracterizar como aberto e livre, convida à ação, sugerindo o futuro. “O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado” (TUAN, 1983, p. 61). Entretanto, pode estimular sentimentos de topofilia, de afetividade, a exemplo da associação que o protagonista estabelece entre o “mar tórrido” e a “calma do Alentejo”.

Após a morte do conterrâneo Pereira, com quem manteve acesa a saudade de Portugal, ao constituir família em Pequim, o senhor Ventura sinaliza para a estabilidade, para a conformação da ideia de lugar, tão fortemente pontuada por Tuan em seus escritos sobre o humanismo na geografia. Apesar dos graves conflitos com Tatiana, o repatriamento abre uma ferida imensa, de fato incurável, na medida em que retorna a seu país destituído do que verdadeiramente importava: a família. Said destaca que, para quem vivencia o exílio, a “tristeza essencial” sempre o acompanhará, não sendo mais possível “superar a dor mutiladora da separação” (SAID, 2003, p. 46).

Tentando minimizar essa condição, “com o espírito tomado pela raiva e por um intenso desejo de vingança”, o senhor Ventura, após constatar o aniquilamento de sua fortuna por Tatiana, retorna a Pequim, deixando o filho em Penedono: “era novamente o perigo e a liberdade que lhe apetiessem. Eram ondas desmedidas e pesadas, e terras sem sossego e sem carinho que o seu corpo desejava enfrentar” (TORGA, 2006, p. 185).

O aprendizado advindo das diversas experiências transforma o nosso protagonista, no entanto, prevalece o que representou em sua vida a fratura incurável, daí a morte iniciada depois de longa peregrinação pela China até aportar em Xunquim, onde reencontrou Tatiana e onde pôde finalmente descansar em paz.

A condição do exílio, em síntese, consiste no alicerce sobre o qual ambas as obras são edificadas. Em “Poema sujo”, o eu-lírico, apesar da tristeza e da solidão em terra alheia, mantém acesa a chama da saudade. Sua cidade natal, São Luís, ecoa sob inúmeras vozes, entremeadas pela disposição irregular dos versos que refletem a compulsão pela palavra. Por meio dela foi possível suportar a situação de orfandade a que se sentiu relegado. Órfão da pátria, mas não da literatura.

Já o senhor Ventura da narrativa de Torga vive outra espécie de exílio, marcada não pelo banimento, mas pela expatriação, visto, como ressalta Said, ter escolhido morar em outro país por motivos pessoais. Ainda que certos eventos tenham provocado esse tipo de comportamento em nosso protagonista, detinha um espírito aventureiro que ansiava pela liberdade. O retorno a Penedono amenizou as dores da saudade da terra natal, mas não impediu que o senhor Ventura retornasse à China para tentar curar a fratura aberta e exposta por Tatiana.

A morte, enfim, aquietou sua alma, mas não sufocou a descontinuidade inerente a sua condição de estrangeiro. Fecha-se um ciclo e se inicia outro, na mesma Penedono “de sobreiros, azinheiras e trigo vivo, a despontar o mesmo abraço infinito!” (TORGA, 2006, p. 137).

#### REFERÊNCIAS:

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GULLAR, Ferreira. *Melhores poemas*. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. 7. ed. ver. e ampliada. São Paulo: Global, 2004.

MARINHO, Samarone Carvalho. *Um homem, um lugar: geografia da vida e perspectiva ontológica*. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MONTEIRO, Ofélia Paiva. *O senhor Ventura*: os tropismos torguianos que orientam a arquitetura singular da novela. In: PAIVA, José Rodrigues de (Org.). *Estudos sobre Miguel Torga*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TORGA, Miguel. *O senhor Ventura*. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

#### **MINICURRÍCULO:**

Márcia Manir Miguel Feitosa possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Campinas, mestrado em Letras (Literatura Portuguesa) e doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora Associada nível IV da Universidade Federal do Maranhão e coordenadora do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da mesma instituição. Membro do Conselho Editorial da EDUFMA. Ex-presidente da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa na gestão 2010-2011.